

Eu não queria ter uma máquina fotográfica

A decisão do dia de realmente vir nos alcança já no rio; é vencendo a correnteza que assistimos ao amanhecer. Não há, no entanto, aquela roda de raios de luz lutando para vencer a madrugada, romper o céu e nascer – o dia se anuncia chuvoso e surge com muitas nuvens. Mas a beleza do rio, da mata e a alegria de estarmos aqui nos contam que o dia vem em paz.

O Cururu é um manto aveludado e silencioso, como que adormecido ainda em seu leito, em sua intimidade e privacidade, coberto por uma nevoazinha ligeira que, como um leve cortinado, o protege e o adorna. Ele não é um rio disperso, não vemos aquelas incontáveis correntes, sinuosas e tortuosas de ontem. Ele está concentrado, é uno, uma única, mesma e longa onda, que vem e se move com vagar, quase em câmera lenta.

Ele é hoje sereno e suas águas estão imersas, perdidas em si mesmas, como se nem tivessem importância, como se nem ligassem para si. O céu, a floresta e as margens vêm, então, mirar-se nesse enorme espelho negro, e perdem-se entre namorar a própria imagem ou admirar a beleza plástica, ondulante e calma dessas águas que não precisam ser belas para si mesmas... A beleza, quando *é*, não precisa de se confirmar... O Cururu pode, assim, apenas refletir o desejo narcísico dos olhos que nele vêm se banhar.

E, ao refleti-los, o rio rompe suas paredes, seus limites, suas margens, perde sua pele, deixa de ser apenas ele mesmo e se torna, também, tudo aquilo que nele vem se reconhecer e se contemplar. Ele funde-se então com as árvores, com os pássaros, com o barco e seus homens, com as nuvens e o azul, e com tudo o que, ao se buscar, ao tentar encontrar-se, o faz olhando para si mesmo através do seu reflexo. E como separar, no desenho que ele, artista extremo e perfeito, reproduz, a pintura e o modelo? Onde, na imagem, os limites do espelho e do espelhado? Onde, no reflexo, o refletido e o verniz que o reflete? Esse, o Cururu hoje: ele não é mais apenas ele mesmo – tão absorto e entregue a si que as fronteiras entre ele e o mundo, entre a água, a terra e o céu se extinguem e ele se estende, se espalha, se esparrama, jorra-se no *todo*. Onde as margens de um rio que se entorna no *todo*? Onde as margens de um rio sem margens?

Como em tantos outros momentos da viagem, eu queria ter comigo uma máquina fotográfica para colher um pouco mais desse espetáculo. Uma filmadora, então! Registrar

tudo isso... e também o movimento... pois *tudo* está em movimento! Mas, todas as vezes que eu desejo tirar fotos ou filmar alguma coisa – o que acontece com grande frequência – e lamento não ter a máquina, eu me pergunto se seria legítimo, se eu me sentiria à vontade e se teria coragem de fotografar ou filmar os índios e seu mundo. E sempre a resposta é “não”: eu me sentiria mais invasor ainda do que já me sinto se os documentasse com uma câmara. Eles seriam meros objetos diante dela, uma vez que para eles não faria qualquer sentido serem fotografados ou filmados, pois nem saberiam do que se trataria aquilo... e eu já sei o sentimento de ser objeto. Essas páginas são a “fotografia”, limitada e possível, de toda a viagem e que procuram contar com respeito e reverência os índios e o seu mundo.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*
Autor: Walter Andrade Parreira
(Cap.11 – ‘A magia do remar e o rio que deságua no céu’ – pág.179/180)